

Zilda Maria Beltrão Fraletti

Graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 27 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Foi presidente do Núcleo Paranaense de Decoração e na Lush, divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas. - zildafratetti@revistalush.com.br -

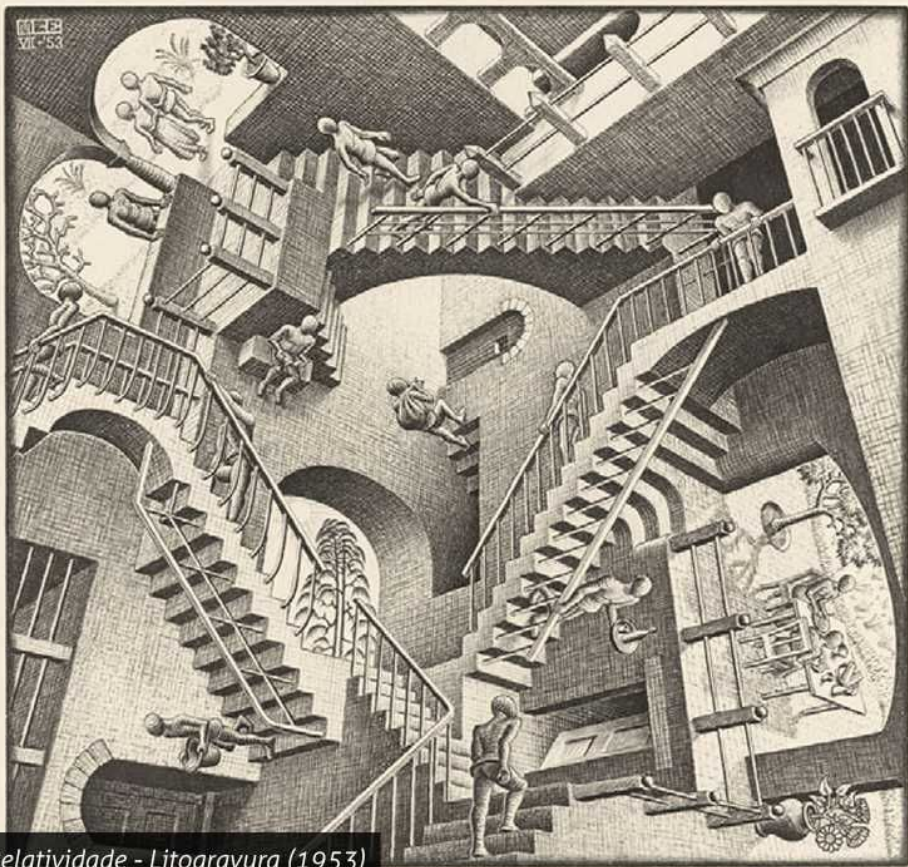


A MAGIA DE ESCHER NO BRASIL

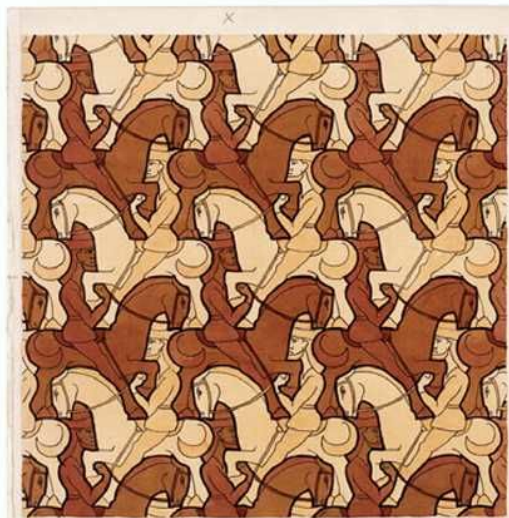
As famosas imagens de Escher, com sua intrigante mistura de arte, fantasia e matemática, estão entre as mais memoráveis imagens de nosso tempo. A extraordinária manipulação de espaço, tempo e perspectiva, e seus peixes, répteis e pássaros interligados fazem dele um dos mais populares artistas do século XX.

Olhar suas imagens é uma jornada para dentro de um mundo único e enigmático que fascina as pessoas por todo o mundo. Ele trabalhou arduamente para representar as visões de sua imaginação. E estas visões eram impressionantes: para Escher, o contorno do mundo visível não era mais do que um pedaço de tecido que poderia ser cortado, dobrado, formatado e rearranjado de maneiras surpreendentes. J.L.Locher, autor de vários livros sobre o trabalho do artista e ex-diretor do Museu Municipal de Haia, na Holanda -que possui a maior coleção de obras de Escher - escreveu em seu livro "A Magia de Escher": "Em suas famosas imagens Escher com frequência apresenta imagens quebra-cabeças. Como pode um campo plano parecer profundo ou elevado, assim como a superfície? Como pode algo estar dentro e fora ou côncavo e convexo ao mesmo tempo? Ao se olhar cuidadosamente e penetrar na lógica da imagem o observador é capaz de encontrar a solução, e este processo de olhar e encontrar é fascinante(..).A interação ímpar entre mundos possíveis e impossíveis dá à sua obra uma presença totalmente pessoal no panorama das artes visuais".▶

Após a Segunda Guerra Mundial, quando suas obras estavam despertando cada vez maior atenção, Escher descobriu que seu público as apreciava mais quando ele mesmo dava explicações sobre elas. Pensando nisto, ele dava palestras usando um projetor de slides com suas imagens.



Relatividade - Litogravura (1953)



Cavaleiro - Nanquim, lápis de cor e aquarela (1946)



Dois Pássaros - Nanquim, lápis de cor e aquarela (1938)

Frequentemente falava não apenas da originalidade de suas imagens, mas também sobre como ele olhava para as coisas ao seu redor. Ele desejava que a realidade fosse o mais objetiva possível, sem nenhuma interferência das relações humanas. Ao mesmo tempo deixava claro que tal realidade não passa de uma ilusão. Escher usava o contraste entre "pessoas de sentimentos" e "pessoas de percepção" para dizer que há duas diferentes atitudes perante o mundo, explicitadas principalmente por artistas e cientistas; dizia que artistas são "pessoas de sentimentos" porque raramente se preocupam com a presença objetiva das coisas, mas sim com a maneira como os objetos podem ser experienciados: os valores emocionais. ▶



Para Cima e Para Baixo -
Litogravura (1947)



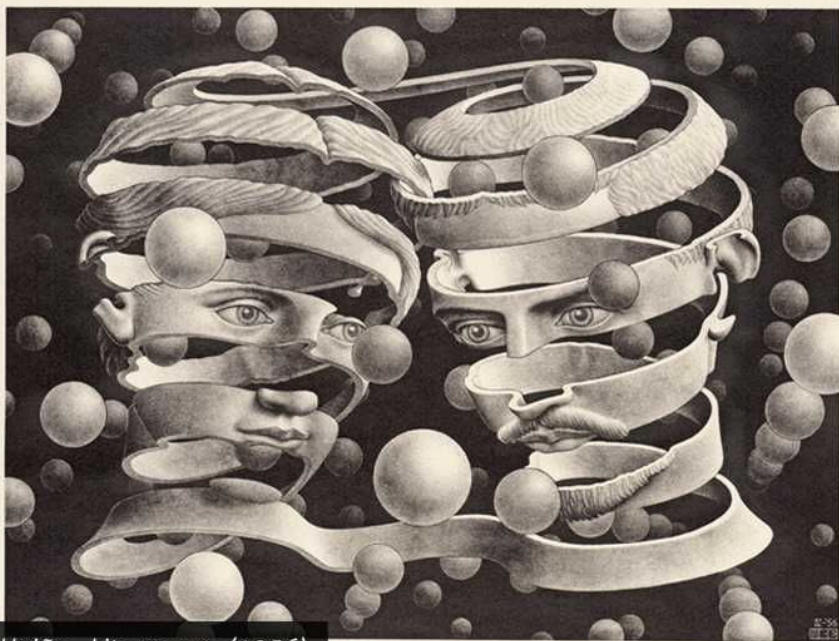
Queda D'Água - Litogravura (1961)



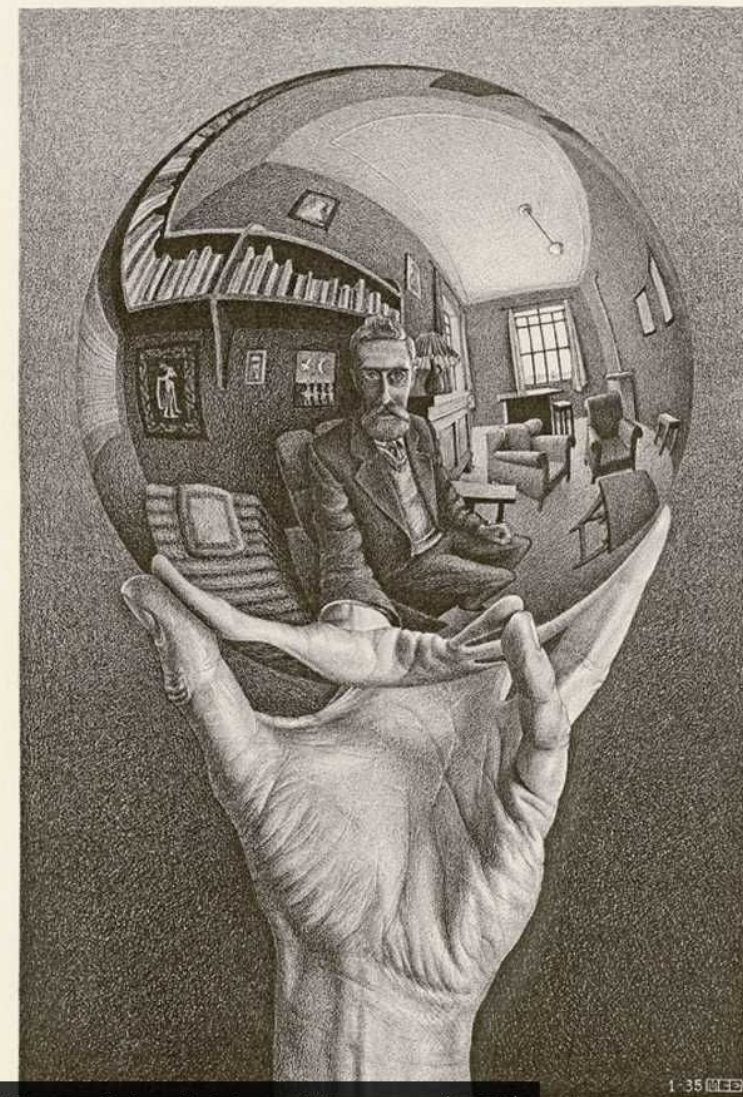
Tres Mundos - Litogravura (1955)

E se referia àqueles que lidam com as ciências exatas como “pessoas de percepção” porque, ao seu modo de ver, elas não parecem precisar envolver emoções humanas em sua pesquisa da realidade. E concluiu que estas duas características se misturam e que a diferença entre as pessoas está na predominância de uma ou outra. E que não há prova de que exista uma realidade separada de nossos sentidos, portanto tentar entender o mundo como algo totalmente voltado à realidade exterior pode ser resultado de medo e impotência perante o enigma que é o ser humano. Escher relutava em se considerar um artista, pois se via como alguém mais identificado com pessoas com interesses científicos do que com aquelas que se interessam por sentimentos. ▶

Ele tinha orgulho de ser um gravurista; tinha muita satisfação em cortar e gravar na madeira ou desenhar em uma pedra de litografia para dar forma a uma representação que posteriormente poderia ser impressa repetidas vezes. As limitações destas técnicas eram um desafio fascinante para ele, forçando-o a aperfeiçoar tanto sua perícia quanto sua criatividade. Na introdução de seu primeiro livro sobre artes gráficas, publicado em novembro de 1959, Escher escreveu que as técnicas gráficas eram um meio e não um fim. Dizia que após o período inicial de árdua dedicação a este ofício veio um momento em que sentiu como se escamas caíssem de seus olhos e ele percebeu que o domínio da técnica deixara de ser seu objetivo maior e foi dominado por outro desejo, de cuja existência ele nunca havia suspeitado.▶

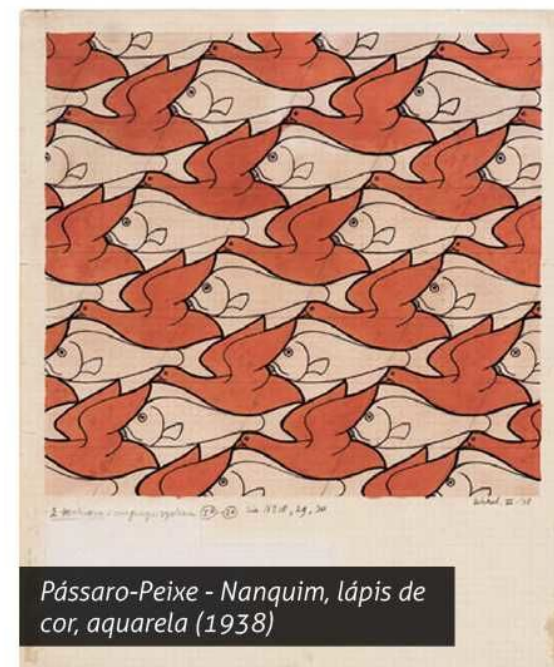


Laço de União - Litogravura (1956)



Mão com Esfera Refletora - Litogravura (1935)

Idéias vinham à sua mente, e não eram relacionadas com as artes gráficas; eram tão fascinantes que ele ansiava poder comunicá-las a outras pessoas. Tais ideias não poderiam ter vindo através de palavras, pois não eram pensamentos literários, mas imagens mentais que só poderiam ser compreendidas como imagens visuais. Neste momento ele percebeu que a técnica passara a fazer parte de sua natureza e que ela era essencial para que pudesse comunicar a um grande número de pessoas aquilo que estava procurando.



Disse ele: “Em meus desenhos eu tento mostrar que vivemos em um mundo bonito e ordenado, não em um caos sem normas, mesmo que ele pareça assim às vezes. Meus temas frequentemente são lúdicos: não posso evitar demonstrar a falta de sentido de coisas que consideramos certezas irrefutáveis. É um prazer misturar deliberadamente objetos de duas ou três dimensões, superfícies e relações espaciais, e zombar da relatividade”.

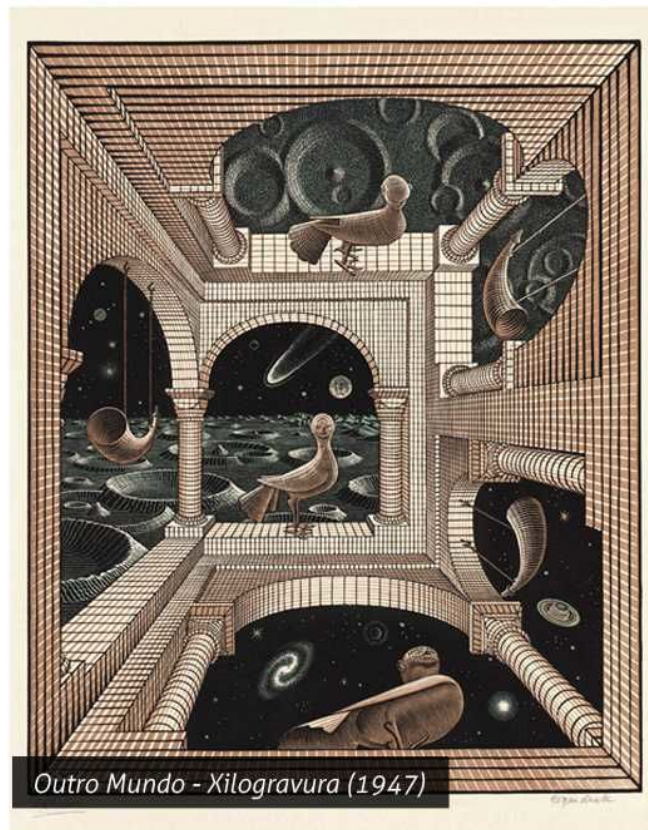
“Escher era um gênio da imaginação, um excepcional artista gráfico, mas a chave para muitos de seus efeitos surpreendentes é a matemática. Não a matemática de números e equações, mas a geometria em todos os seus aspectos, tanto a clássica quanto a moderna” (Dr. Doris Schattschneider, famoso professor de matemática, na introdução a um livro sobre Escher).>

Em 2008 foram impressas caixas com cópias fac-símile de 16 das mais famosas litografias, xilografias e desenhos do artista; as imagens são impressas em edição limitada e carimbadas com o selo de autenticidade da Fundação M.C.Escher e estão à venda pela primeira vez no Brasil, com exclusividade da Galeria de Arte Zilda Fraletti para o país. A qualidade da impressão é elogiada pelos maiores especialistas em sua obra. ▶



O Museu Oscar Niemeyer exibe até o dia 21 de julho a mostra "A magia de Escher", que reúne 85 obras, entre gravuras originais, desenhos e fac-símiles, incluindo todos os trabalhos mais conhecidos do artista.

Quando foi exposta no Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo, a mostra foi declarada como a exposição mais visitada no mundo em 2011, segundo a The Art Newspaper, publicação especializada em artes que todo ano faz levantamento das mostras mais prestigiadas.



Outro Mundo - Xilogravura (1947)



12 Pássaros - Nanquim, lápis de cor e aquarela (1948)



Répteis - Litogravura (1943)

De acordo com o curador Pieter Tjabbes, essa é uma oportunidade única de apreciar tantas obras reunidas fora do museu de Haia. "As obras do Escher são muito raras e muito procuradas para exposições. Só existem três coleções no mundo", diz o curador.

A exposição permite ao público ter, de forma lúdica, as experiências interativas óticas e de espelhamento que Escher utilizava em seus trabalhos. Belo Horizonte receberá a mostra em setembro. ▀